

Sobre o ensino de línguas na interface com as tecnologias contemporâneas: entrevista com Júlio Araújo

Francisco Vieira da Silva*
Ananias Agostinho da Silva**

Sabemos que as tecnologias digitais, na atualidade, exercem uma função crucial nos mais variados campos da atividade humana. No que concerne especificamente ao ensino de línguas, as tecnologias podem se converter em alternativas pedagógicas produtivas e eficazes, no que respeita, por exemplo, ao desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos, objetivo basilar que norteia o ensino de línguas, inclusive nas orientações dos documentos oficiais do Brasil. Em virtude disso, emerge com vigor uma miríade de pesquisas em que se analisam as potencialidades didático-pedagógicas das tecnologias digitais.

Um dos autores que vem tratando desta temática, de modo pioneiro, no cenário teórico brasileiro é o Prof. Dr. Júlio Araújo (UFC), cuja produção acadêmica abarca desde a elaboração de situações didáticas que possibilitam a exploração das ferramentas digitais gratuitas na internet até os estudos voltados à reelaboração dos gêneros nas redes sociais, dentre outras temáticas de igual relevância. A vasta produção intelectual desse pesquisador, na área de tecnologia e ensino de línguas, inclui uma quantidade expressiva de artigos publicados em periódicos, capítulos de livros, organização de coletâneas, orientação de teses e dissertações. Na presente entrevista o professor Júlio Araújo, que realizou pós-doutoramento em Estudos Linguísticos pela UFMG e é Professor Associado da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) e no Departamento de Letras Vernáculas (DLV), discute, dentre outros aspectos, os letramentos digitais dos docentes, a instabilidade dos gêneros, os quais constituem o foco do debate em torno da inserção da tecnologia digital na escola, os materiais didáticos no cerne de tais tecnologias, bem como as perspectivas para o futuro no que tange ao uso das tecnologias contemporâneas no ensino de línguas.

* Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

** Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Entrevistadores – Considerando as inúmeras publicações vindas a lume no circuito acadêmico brasileiro a respeito das tecnologias digitais e o ensino de línguas, como o senhor avalia essa relação, muitas vezes tecida de maneira apressada e/ou atrelada a um certo modismo, em termos teóricos e metodológicos?

Júlio Araújo – A relação entre tecnologias e qualquer atividade humana só fará sentido se for para emancipar as pessoas, fazê-las melhor naquilo que fazem. Assim, a relação entre tecnologias digitais e ensino de línguas só será relevante se for para lançar luzes contextuais no processo de ensino/aprendizagem. Em outras palavras, se a língua e a cultura são estranhas para quem se dispõe a estudá-las, todo esforço pedagógico para arrefecer o estranhamento será sempre bem-vindo. Nesse sentido, a *web*, por transmutar para si infinitas esferas da atividade humana, representa uma oportunidade singular para que aprendizes e docentes tenham contato com enunciações genuínas que emolduram práticas discursivas em diversas línguas. A reboque disso, as redes sociais, por exemplo, podem aproximar os aprendizes de uma língua estrangeira qualquer, de cenas reais de usos da cultura, por meio dos inúmeros gêneros discursivos digitais mobilizados

pelos atores que atuam nessas redes. Na formulação de sua pergunta, vocês se referiram a afirmações apressadas, muitas vezes vinculadas a bases teórico-metodológicas frágeis ou a modismos. Quero concordar com vocês na medida em que não está na tecnologia em si nenhuma garantia de que, qualitativamente, as relações entre as pessoas sejam melhores e/ou piores. Na verdade, o que faz com que qualquer tecnologia seja relevante é o uso que fizermos dela.

Assim, para que as relações entre as tecnologias digitais signifiquem avanços nos cenários pedagógicos do ensino de línguas, é imperativo que o protagonismo docente seja sobrepujante aos modismos tecnológicos e teóricos. É necessário, antes de qualquer coisa, que os professores de línguas materna e/ou estrangeiras sejam, verdadeiramente, usuários das ferramentas, dos *sites*, dos aplicativos. Somente conhecendo a sintaxe dos ambientes digitais e o funcionamento das ferramentas que os constituem é que poderemos extrair possibilidades didáticas que sejam relevantes para a demanda do trabalho pedagógico.

Entrevistadores – Em relação a uma certa evanescência de alguns gêneros digitais, principalmente os que provêm das redes sociais, seria pertinente que o senhor discutisse um pouco sobre as

potencialidades pedagógicas de tais gêneros, cotejados com a instabilidade de usos e formas que os caracteriza. Como o professor de língua materna, por exemplo, pode lidar com essa instabilidade?

Júlio Araújo – Antes de qualquer coisa, eu preciso fazer considerações acerca de dois aspectos teóricos que julgo relevantes.

O primeiro tem a ver com o fato de que a instabilidade dos gêneros não é algo atrelado a nenhum dos suportes em que eles se realizam, inclusive os suportes digitais, pois, na verdade, instabilidade é algo constitutivo do gênero, como já afirmava Bakhtin nos anos 20 do século XX.

O segundo aspecto diz respeito à expressão *gêneros digitais*, a qual, segundo o que penso, não se sustenta como um conceito tal qual as expressões *gêneros discursivos* ou *gêneros textuais*, mais usuais entre os linguistas brasileiros. Para mim, não existem gêneros digitais. Deixe-me explicar as razões pelas quais afirmo a inexistência dos chamados gêneros digitais.

Se a perspectiva teórica evocar a noção bakhtiniana de esfera de atividade, expressões como gêneros digitais ou esfera digital não se sustentam como conceitos dentro da teoria de gêneros. Em um trabalho meu sobre critérios de estudo das reelaborações

de gêneros em redes sociais, defendo que tais expressões não se sustentam como conceitos, sobretudo se a base epistemológica do analista do gênero for bakhtiniana. De acordo com Bakhtin (2000), gêneros e esferas são conceitos que se interpenetram mutuamente na medida em que os primeiros organizam as necessidades enunciativas dos sujeitos que participam de determinada esfera de atividade. Assim, o discurso jornalístico recebe esse nome porque é uma prática instanciada por uma esfera de atividade humana cujos gêneros são postos em cena para atender às necessidades dos que atuam nesse lugar social. À luz dessa perspectiva, não existem, portanto, esfera digital e gêneros digitais, pois a *web* não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendem às demandas de um suposto discurso digital. Assim, afirmar que os *chats*, os *blogs*, os fóruns virtuais são gêneros digitais equivale a sustentar o falso pressuposto de que tais gêneros pertencem a ou participam de um discurso digital e, portanto, de uma esfera digital.

Feitas essas considerações, é importante destacar que os gêneros discursivos digitais, assim como quaisquer outros gêneros, apresentam potencialidades pedagógicas na medida em que sempre sinalizam para práticas reais dos usos da língua. O fato de eles se mostrarem instáveis, do ponto de vista formal, não

representa entraves ao trabalho docente, mas oportunidades para mostrar a plasticidade dos jogos de linguagem. Um dos aspectos ricos a ser explorado pedagogicamente tem a ver com a natureza multimodal desses gêneros cuja produção se faz por meio da bricolagem de várias linguagens.

Entrevistadores – Muitos manuais ou livros didáticos de língua portuguesa, visando ao trabalho com os novos gêneros, transferem ou transpõem do meio virtual gêneros digitais para o meio impresso. Marcuschi (2003) trata desse processo a partir da relação do gênero com o suporte, denominando-o de reversibilidade de funções. Em sua opinião, a reversibilidade de função desses gêneros digitais nos livros didáticos de língua portuguesa pode causar danos à compreensão dos gêneros como atividades sociocomunicativas?

Júlio Araújo – Em primeiro lugar, é preciso compreendermos que o cenário escolar é um espaço de trabalho com a linguagem na perspectiva pedagógica, isto é, trata-se de um ambiente para o qual é preciso estabelecer *links* entre a vida real e a aprendizagem. Nesse sentido, a didatização da linguagem, de uma maneira geral, e dos gêneros discursivos digitais, de um modo particular, é um caminho necessário que todos devemos

percorrer para desempenharmos a tarefa docente. Nesse sentido, a presença de gêneros discursivos digitais nos livros didáticos só mostra o esforço dos autores em atualizar suas propostas de livros didáticos. Além do mais, nenhum livro, didático ou não, é um material completo, e isso implica dizer que as lacunas constitutivas desses produtos devem ser preenchidas por seus usuários. *Da internet para os livros didáticos: uma análise da didatização de gêneros textuais digitais* é o título de um trabalho que escrevi em coautoria com o professor João Araújo-Júnior (da UFMA). Nossa análise nos mostrou que as propostas didáticas que envolvem os gêneros discursivos digitais nos livros didáticos de língua espanhola não consideram muito as características digitais dessas práticas de linguagem, e uma pequena parte das atividades ali publicadas incentivam aos estudantes a viverem as experiências reais de interação na internet por meio dos gêneros estudados em seus livros didáticos.

Entrevistadores – Em seu livro *Internet e Ensino*, o senhor afirma que o computador não pretende substituir os professores em sala de aula, mas reconhece que aqueles que sabem usá-lo terão mais campo de trabalho. Considerando essa afirmação, o senhor acredita que as políticas e os programas brasileiros voltados à capacitação

do professor em relação ao uso de tecnologias digitais têm efetivamente contribuído para a formação continuada desses profissionais? O que ainda precisa ser feito?

Júlio Araújo – Nenhuma tecnologia foi feita para substituir o protagonismo humano, mas para servir de amparo na realização de tarefas cotidianas. Contudo, quanto mais domínio tivermos sobre as ferramentas, mais condições de usos em benefício próprio e coletivo granjaremos. Nessa perspectiva, entendo que os cursos de licenciatura precisam expandir os seus currículos por meio dos quais a formação docente seja contemplada por essas questões, pois, se a formação acadêmica continuar ilhada nas propostas dos documentos oficiais e nos currículos das licenciaturas, estas não poderão garantir o sucesso nas relações entre as tecnologias e o ensino de línguas.

Afigura-se relevante destacar ainda que os sistemas de ensino devem prover as condições ergonômicas, pois as políticas públicas de ensino devem perceber como uma ação imprescindível o fornecimento ao professor de condições de trabalho compatíveis com a demanda enfrentada por esse profissional. Todos sabemos, por exemplo, que o professor, mesmo sem usar as tecnologias digitais, sempre leva muitas tarefas profissionais para casa.

Pensando em minha própria experiência com as tecnologias, fico imaginando se meus colegas que atuam na educação básica terão condições de dar conta da demanda natural do trabalho, o que implica, além de estudos pessoais, o planejamento de aulas, sistematização das notas de aulas em *Prezis*, *Power Points*, correção de provas e trabalhos, etc. Nesse sentido, assim como tenho feito, acredito que eles terão ainda de atualizar as discussões da turma nos fóruns digitais que mantiverem no *Facebook* ou em quaisquer outros ambientes virtuais.

Com isso, quero chamar a atenção para o fato de que, com o uso das tecnologias, o trabalho profissional pode se avolumar imensamente e, por isso, é preciso cautela e muito planejamento, antes de decidir usar os recursos virtuais. É por isso que destaco como relevante pensarmos nas condições reais de trabalho que os docentes brasileiros enfrentam, antes de, pela força dos modismos acadêmicos, exigirmos que eles façam usos pedagógicos das tecnologias digitais em seu trabalho, sem propor, antes, uma reflexão acerca dos aspectos que envolvem essa decisão. Portanto, defendo que, para que as relações entre tecnologias e ensino de línguas se sustentem e tragam avanços qualitativos para o processo de ensino/aprendizagem, é preciso investir na ergonomia do trabalho docente.

Infelizmente, os letramentos digitais docentes tendem a ser mínimos diante das fartas experiências dos alunos, sobretudo porque essas experiências não são acolhidas pelas escolas. Cabe ao professor agir com naturalidade, tranquilidade e planejamento. Tenho defendido que a escola precisa ser um pouco mais desapaixonada por si própria e buscar cultivar a compreensão de que abrir mão de certos apegos linguísticos não a deslegitimaria como um lugar específico de ensino e de aprendizagem da língua materna. Nesse caso, as práticas discursivas digitais (e não só elas) convocam e provocam essa instituição a começar um processo de *desescolarização* da realidade. Em nosso caso, essa *desescolarização* se refere aos usos da língua, pois os alunos devem perceber que os saberes construídos por eles sobre a linguagem internetiana podem e devem encontrar guarida na escola que frequentam, por meio da adequabilidade de seus usos.

Não conheço muitos programas que sistematizem essa ideia nos docentes, mas como formador de professores, considero urgente que a escola atente para o fato de que a natureza multimodal da linguagem digital, para muito além de uma mutilação da escrita, está a serviço de uma interação sociodiscursiva eficaz. Nesse sentido, as estratégias de suprir comportamentos dos falantes *in praesentia* são decorrentes

da criatividade no emprego dos recursos existentes pelo falante-escritor do meio digital. Assim, pauto-me pela convicção de que uma das implicações sociais decorrentes da discussão da linguagem digital na escola está justamente na rica oportunidade que temos de extrapolar o âmbito da linguagem verbal nas práticas escolares, tornando a reflexão sobre os usos da linguagem digital uma prática natural dentro da escola.

Pensemos, por exemplo, no caso da pontuação. Enquanto as práticas didáticas se circunscreverem a discuti-la apenas sob o ponto de vista canônico, grande parte dos atores da cena escolar, notadamente os alunos (e não somente eles), serão isolados dessa reflexão. Então, é preciso considerar que tais sujeitos ampliam ainda mais os usos da pontuação, ressignificando-a através dos *emoticons* e das repetições desses sinais. No entanto, o que tenho observado é que transformar esses usos em reflexão na escola parece ainda se configurar como uma ameaça ao trabalho dos professores, que preveem uma invasão incontrolável das alterações do código escrito que a escola tenta religiosamente salvaguardar. Para finalizar, eu diria que o desafio que se pode colocar para o professor de língua materna é o de descobrir maneiras de explorar os recursos da interlocução digital para evidenciar as diferenças entre as mídias, para explicar

a finalidade e a utilidade de cada uma em vez de abominar uma e sacralizar a outra. Um comportamento preconceituoso não vai evitar que os conhecimentos se interpenetrem, pois é assim que a linguagem funciona, numa grande e incontrolável mobilidade, à revelia dos puristas e gramatiquinhos de plantão. Ignorar o que está acontecendo fora do contexto escolar é andar na contramão da história, é deixar passar a oportunidade de ser personagem e de atuar no cenário que está sendo construído a nossa volta, quer queiramos quer não.

Entrevistadores – Considerando o atual contexto social e político brasileiro, em sua opinião, **quais são as perspectivas para o futuro quanto ao uso de tecnologias digitais no ensino de línguas?**

Júlio Araújo – Não tenho segurança para responder a essa questão, mas acredito que os computadores, *tablets*, *smartphones* e outros suportes que ainda irão ser inventados serão cada vez mais explorados didaticamente. Hoje em dia, alguns desses equipamentos já habitam as mochilas dos estudantes, o que significa dizer que as telas, ao lado dos cadernos impressos, lápis e outras tecnologias mais simples, já fazem parte da cena pedagógica. Os desafios para os próximos anos são

muitos e apontam para um fato: elaborar material didático que dialogue com a natureza desses suportes de ler e escrever. Pensando, por exemplo, no ensino de língua, podemos nos perguntar como esses aparelhinhos podem influenciar a aprendizagem dos alunos.

Eu diria que as palavras de ordem são conexão e compartilhamento. Em conexão à rede, os dispositivos móveis ou de mesa já permitem encontros com falantes nativos ou não nativos, mas que desejam estabelecer comunicação na língua-alvo de aprendizagem, e então a construção de uma interação natural, colaborativa, compartilhada e também negociada (e aqui poderemos encontrar características da conversa natural, como disputas, trocas, jogos de poder, etc.), com objetivos de construir sentidos e que também contemplem os objetivos do interessado em aprender a língua do seu parceiro na interação.

Em conexão à rede, pode-se também acessar conteúdos digitais na língua-alvo, multimodais, que podem ser de circulação com propósitos diversos, ou que sejam construídos especificamente para o ensino/aprendizagem da língua. Acredito que qualquer conteúdo digital pode se tornar um objeto de aprendizagem se o interessado em aprender a língua reconhecê-lo como útil de alguma maneira. Entre os conteúdos disponíveis, acredito que hoje os mais acessados são

as páginas de textos predominantemente escritos (não sei se posso ainda chamar isso de hipertexto!) e o audiovisual. Mas há também recursos em áudio, *softwares* educacionais, *games*, *reality games* (*second life*), experimentos, etc.

Há também as páginas de cursos *online*, em que se pode encontrar um planejamento formal para a aprendizagem da língua, com uma espinha dorsal, conteúdos organizados em módulos, ou aulas, etc. e assim textos, atividades, informações... muitos deles são livres. Enfim, são oportunidades diversas de experimentar a língua, usar a língua e se apropriar dela. Quanto mais experiências de usar uma língua um aprendiz tem, mais consegue avançar sua interlíngua e desenvolver competências.

A linguagem deve ser a mais dialógica possível, os recursos devem ser necessariamente interativos, permitindo ao usuário tomar decisões sobre o seu percurso durante o acesso ao material, mas também oferecendo suporte (com tutorial e banco de informações de reserva – que podem utilizar a tradução para a língua materna por textos, modelos ou vídeos explicativos; a associação com imagens, legendas, etc.). Vídeos interativos, *games* e *softwares* é o que vem sendo desenvolvido nesse sentido.

Entrevistadores – Para encerrar, gostaríamos que o senhor nos falasse a

respeito das atuais pesquisas que vem desenvolvendo no âmbito de seu grupo de pesquisa, o Hiperged, e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Júlio Araújo – É importante não sermos ingênuos a ponto de pensar que as tecnologias digitais representam a salvação da escola e das práticas de ensino que se ambientam dentro dela. Mas, como muito bem explicam Lanskshear, Snyder e Green (2000, p. 2) “o desafio para os professores é aprender a abordar o uso das novas tecnologias de forma eficiente, ética e responsável, com vista a explorar seu potencial educativo”. Assim, a *web* permite trazer o mundo para a sala de aula, ajuda a dissipar os muros e, a depender da intencionalidade pedagógica dos docentes, pode até se transformar em poderoso recurso didático.

Com base nisso, na Universidade Federal do Ceará, onde trabalho como pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística, desenvolvo, em meu grupo de pesquisa, Hiperged, um programa de extensão chamado AMPLINKS, cujo objetivo é o de elaborar situações didáticas que permitam a exploração pedagógica das ferramentas digitais gratuitas na internet. Assim, já fizemos vários trabalhos usando o *Google Maps*, o *Google Tradutor*, o

Google Docs, e *softwares* que permitem a criação de quadrinhos digitais, entre outras possibilidades.

Ainda no âmbito do Hiperged, além do AMPLINKS, uma série de pesquisas está em andamento, entre as quais posso citar: O projeto REGE (Reelaborações de gêneros em redes sociais); Projeto TERMIREDES (Terminologia das Redes Sociais no Brasil); Projeto LETRAS (Letramentos Acadêmicos). Em cada uma dessas pesquisas, estão engajados pós-doutorandos, doutorandos, mestrandos e bolsistas (PIBIC e PID) trabalhando em seus projetos pessoais, alimentando os dados e os projetos maiores do grupo. No *site* do grupo, <www.hiperged.ufc.br>, há mais informações acerca do nosso trabalho, e no meu *site* pessoal, <<http://www.julioaraujo.com/news/artigos-/>>, disponibilizo os resultados dos trabalhos já publicados.

Obras citadas pelos entrevistadores

ARAÚJO, Júlio (Org.). **Internet & Ensino**: novos gêneros, novos desafios. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. 2003. Disponível em: <http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes_portugues/anexos/texto-15.pdf>. Acesso em: 13. abr. 2015.

Obras citadas pelo entrevistado

ARAÚJO-JÚNIOR, João da Silva; ARAÚJO, Júlio. Da internet para os livros didáticos: uma análise de didatização de gêneros textuais digitais. **Hipertextus Revista Digital**, v. 11, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume11/04-Hipertextus-Vol11-Joao-da-Silva-Araujo-Junior&Julio-Araujo.pdf>>. Acesso em: 20. jul. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LANKSHEAR, Colin; SNYDER, Ilana; GREEN, Bill. **Teachers and techno literacy**: managing literacy technology and learning school. Australia: Allen & Unwin, 2000.

Submetido em: 30 de março de 2015.

Aceito para publicação em: 28 de setembro de 2015.

Resenha

